

Entre o Dinheiro e o Prazer Sexual: Uma Análise Antropológica Sobre Sexualidade e Afeto em uma Casa de Prostituição em Ribeirão Preto

Raquel de Freitas Banuth e Francirosy Campos Barbosa-Ferreira



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2632>

DOI: 10.4000/pontourbe.2632

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Raquel de Freitas Banuth e Francirosy Campos Barbosa-Ferreira, « Entre o Dinheiro e o Prazer Sexual: Uma Análise Antropológica Sobre Sexualidade e Afeto em uma Casa de Prostituição em Ribeirão Preto », *Ponto Urbe* [Online], 16 | 2015, posto online no dia 31 julho 2015, consultado o 19 abril 2019.

URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2632> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2632

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Entre o Dinheiro e o Prazer Sexual: Uma Análise Antropológica Sobre Sexualidade e Afeto em uma Casa de Prostituição em Ribeirão Preto

Raquel de Freitas Banuth and Francirosy Campos Barbosa-Ferreira

Introdução

- 1 O sexo não é apenas uma propensão biológica dos seres humanos, mas um campo de relações sociais onde a natureza e a cultura andam juntas. De acordo com Rubin (1984), a sexualidade é um produto da atividade humana, geograficamente localizada e historicamente datada. Segundo Scott (1990), gênero refere-se à “organização social da relação entre os sexos” (p. 2), atentando para o caráter fundamentalmente social da distinção entre os sexos masculino e feminino. Assim como raça e geração, gênero é uma categoria social com significados políticos, culturais e econômicos, que define hierarquias, viabiliza privilégios e perpetua desigualdades (Castro, 1992). Reconhecer o significado político da atuação conjunta dessas categorias sobre os indivíduos implica reconhecer o sistema de privilégios atuantes dentro de e entre esses diferentes sistemas. Uma vez que gênero não é a única categoria social que atua sobre os indivíduos, não existe uma forma universal de dominação masculina, e nem o sistema de gênero se resume apenas ao binarismo masculino/feminino (Piscitelli, 2008). No entanto, não é o objetivo deste estudo discorrer sobre como as categorias de articulação operam em conjunto para construção de desigualdades, e sim nos ater aos valores considerados femininos de um grupo de mulheres geográfica e historicamente localizado, e como esses valores se relacionam à atividade profissional delas.
- 2 Discursos ocidentais hegemônicos, como o Estado, as classes médias e as “masculinidades prestigiosas”, (Olivar, 2011), ditam uma forma de “ser mulher” que exige silêncio e pudor

como marca de feminilidade, em especial no tocante à sexualidade. Neste contexto cultural, historicamente, o corpo masculino esteve ligado à arena pública, e o feminino, ao privado (Angeli, 2004).

- 3 Para Rubin (1993), o sistema de gêneros requer repressão e constrói uma relação de oposição entre homens e mulheres. Nas mulheres, requer a repressão de características tidas como masculinas. O exercício da sexualidade na arena pública e desatrelada de afeto é uma característica atribuída aos homens. Por esse motivo, a imagem da prostituta, que exerce sua sexualidade para além da esfera doméstica e afetiva, vem sendo construída como a da mulher transgressora das normas socialmente determinadas para o exercício da feminilidade (Guimarães e Merchán-Hamann, 2005).
- 4 De acordo com Juliano (2005), é o estigma das prostitutas, que escolheram exercer sua sexualidade no espaço público, que mantém as mulheres submissas às normas da feminilidade. A dicotomia entre “santas” e “putas” (Barreto, 2013) tem a função de manter o *status quo*. Assim, as mulheres que não se prostituem são ameaçadas com o estigma negativo de “putas”, caso tenham comportamentos que transgridam a norma do recatamento feminino, o que faria com que as mulheres fossem tachadas de “putas” e, por isso, seriam mulheres de menor valor. A recíproca também é verdadeira, e as mulheres “desviantes” se sentem pressionadas a se encaixar no modelo de mulheres “corretas”. A autora afirma que o trabalho sexual pode ser melhor compreendido se contextualizado em uma sequência que abarca distintos papéis familiares e profissionais atribuídos às mulheres, sendo o trabalho sexual o ponto extremo do rechaço nesse contínuo.
- 5 Por outro lado, a prostituição é vista por seus praticantes como um trabalho (Souza, 2012; Rodrigues, 2010). Guimarães e Merchán-Hamann (2005) denominam a prostituição como “comércio de fantasias”, destacando o lado sedutor e afrodisíaco presente na relação prostituta-cliente. De acordo com Osborne (2002, citado por Barreto 2013:133), os movimentos de prostitutas dizem que a principal exploração vivida na profissão é a proveniente do isolamento e do estigma aos quais as prostitutas estão submetidas, e não da atividade sexual em si; e que a luta feminista deve ser por direitos que melhorem suas condições de trabalho, e por mais visibilidade e voz ativa nos espaços públicos de lutas por direitos. Apesar da Classificação Brasileira de Ocupações possuir uma categoria para a profissional do sexo, todas as atividades relacionadas à prostituição são criminalizadas. Portanto, apesar da prostituição não ser uma atividade ilícita e por isso não estar submetida ao controle estatal formal, ela permanece na marginalidade.
- 6 A faceta da sedução não invalida a faceta desafiadora que é ser garota de programa. Morcillo (2014) afirma que ter relações com um homem desconhecido e com os quais as mulheres não têm um vínculo emocional é uma tarefa desafiadora e que requer controle emocional, uma vez que o sexo comercial exige a transposição de barreiras morais, simbólicas e corporais e pode suscitar emoções diversas, como o asco e o prazer.
- 7 A tendência da produção acadêmica atual é enfatizar um posicionamento das profissionais do sexo nem como vilãs nem como vítimas do sistema de gênero, mas como sujeitos de direitos, dotadas de capacidade de agência (Piscitelli, 2005). O presente artigo pretende contribuir com o debate nesta direção. O que nos levou a campo foi investigar discursos de prostitutas sobre sexualidade, feminilidade e como é construída a relação das garotas de programa com os clientes. Haveria um componente afetivo nessa relação ou seria uma relação apenas profissional? Talvez esse questionamento tenha surgido por uma internalização do discurso social de que a prática sexual de mulheres deve estar

associada ao amor. Assim, levantamos a questão de que num contexto em que o sexo é mediado pelo dinheiro, não pelo amor, como é construída essa relação?

Método

- 8 A aproximação de um local onde pudéssemos fazer a pesquisa foi difícil. Tentamos contato com ONGs e casas de prostituição de Ribeirão Preto, assim como tentamos conversar com pessoas da nossa rede pessoal de contatos que haviam feito estágio na área e poderiam nos levar ao local. As instituições que entramos em contato não aceitaram que fizéssemos o trabalho. No entanto, encontramos grande disponibilidade dos antigos estagiários, que nos apresentaram a uma equipe multiprofissional que realiza um trabalho de redução de danos com profissionais do sexo. Esta equipe se interessou pela linha de pesquisa e permitiu que nós os acompanhássemos em visitas às casas de prostituição. Assim, nos apresentamos para a dona de diversas casas e, dentre elas, para a Sílvia, dona da casa onde a pesquisa foi realizada.
- 9 O presente trabalho foi realizado em uma casa de prostituição de Ribeirão Preto, onde trabalham quinze mulheres. O horário de funcionamento é das 10 da manhã às 10 da noite, e as funcionárias são divididas em dois turnos.
- 10 Para entrar na casa, sobe-se uma escada que dá na sala de espera, local onde as garotas¹ ficam aguardando os clientes² chegarem. Assim, quando o cliente entra na casa, sua primeira visão é a dessas garotas, e ele pode escolher a que ele deseja fazer o programa³. Uma porta na sala leva a um corredor de acesso aos quartos, onde os programas são feitos.
- 11 Com relação ao valor do programa, a casa estabelece uma quantia de 80 reais para massagem, onde a garota faz massagem no cliente e finaliza com sexo oral, sem penetração; e 100 reais para o programa “completo”, que inclui a penetração. De cada programa, 35 reais são pagos para a casa. No entanto, o valor do programa pode ser alterado, negociado com o cliente. Outro fator que interfere no preço depende do exigido no programa. As garotas dizem que se o cliente pede algo que “exige muito”, por exemplo, pede o programa completo, que inclui penetração, e além disso pede sexo oral, o programa pode ficar mais caro.
- 12 Geertz (1989) afirma que a cultura é uma teia de significados traçada pelo próprio homem e a qual ele está amarrado. Para que se compreenda a cultura é necessário fazer uma observação científica interpretativa do grupo que se estuda, buscando um significado aos fenômenos, comportamentos e discursos que o pesquisador observa. Em antropologia, a procura de um significado se faz pela etnografia. O fazer etnográfico constitui-se em fazer uma “descrição densa” do fenômeno observado: é observar além do superficial, e procurar compreender o comportamento, que de acordo com Geertz é uma “ação simbólica”, do grupo que se estuda (Geertz, 1989). Neste trabalho, buscamos trazer significados para os discursos das mulheres. Durante dois meses, foram feitas visitas semanais à casa de prostituição. Foram entrevistadas seis mulheres e a dona da casa, com entrevistas semiestruturadas, feitas na própria casa. Quando não havia entrevistas sendo feitas, ficávamos na sala de espera, e lá observávamos o movimento de clientes que entravam e saíam dos quartos, clientes que entravam na casa e iam embora sem fazer programa, mulheres que iam pedir emprego, e a rotina das próprias garotas.

- 13 As prostitutas desta casa praticam o que se chama “médio meretrício” (Gaspar, 1985), tipo de prostituição caracterizada por ser praticada em boates e casas de massagem, pelo cuidado das garotas com a aparência e pelo preço cobrado, que é único para todas e geralmente varia de acordo com a localização da casa. As mulheres adotam nomes fictícios de trabalho para si, utilizados para serem identificadas no trabalho. É com este nome que elas se apresentam para os clientes.

Nome e idade	Grau de instrução	Namora?	Filhos	Profissão anterior	Motivo de ter começado	Tempo de trabalho
Jéssica, 32	8ª série	Sim	2 meninas	Vendedora	Dificuldades financeiras	7 meses
Laura, 23	Superior	Sim	Não	Professora	Dificuldades financeiras	10 meses
Eliane, 23	Ensino Médio	Não	1 menino	Vendedora	Dificuldades financeiras/filho	3 anos
Nicole, 27	4ª série	Não	1 menino	Sempre foi prostituta	Engravidou	4 anos
Paula, 33	Ensino Médio	Sim	Grávida 2 meses	Vendedora	Dívidas	1 ano
Karen, 49	8ª série	Não	3 adultos	-	Traição marido/dificuldades financeiras	1 ano
Sílvia, 42	Técnico em contabilidade	Casada	Não	Micro-empresária	Marido	10 anos

- 14 Foram dados nomes fictícios para as mulheres. As entrevistadas estão na faixa dos 27 anos, tendo as duas mais novas com 23 anos e a mais velha, 49 anos. Quatro delas tem filhos e são mães solteiras. Paula está grávida, e até o momento da entrevista mantinha um relacionamento com o namorado, que é o pai do bebê. Todas alegam ter começado por causa de dificuldades financeiras, e Eliane e Nicole começaram a se prostituir porque afirmavam não ter condições financeiras de cuidar dos filhos. A necessidade financeira é uma alegação comum para o início da prostituição, envolvendo as questões familiares, uma vez que é comum que essas mulheres ocupem o papel de chefes de família (Burbulhan, Guimarães e Bruns, 2012). A exceção é Karen, que quando perguntei sobre o motivo de ter iniciado, apontou em primeiro lugar que queria se vingar do marido ciumento, de um casamento monótono que caiu na rotina, e da traição. Karen afirma que estava cansada de se sentir um objeto. Quando se divorciou, passou por dificuldades financeiras e se tornou garota de programa.
- 15 Outro fator que as influenciou a começar a trabalhar como garotas de programa é o grau de instrução, tendo a maioria delas completado o Ensino Fundamental ou o Médio. Por isso, elas dizem que conseguem empregos com uma remuneração muito baixa, como vendedora, por exemplo. Laura, a única com ensino superior, é formada em Pedagogia, e afirma que o emprego que tinha em uma escola pagava pouco, 700 reais, segundo ela. O pai recusou-se a auxiliá-la financeiramente e ela decidiu se tornar garota de programa.
- 16 Sílvia, que é a dona da casa, disse que ela e o marido abriram a casa de prostituição há dez anos. Ela nunca foi prostituta. Falando sobre as mulheres que trabalham na casa dela, afirma que antes de se tornarem garotas de programa, elas já tinham “bagagem”, experiência com outros homens. Diz que nenhuma das garotas da casa começou a

trabalhar “totalmente ingênuas”, e antes de trabalharem formalmente na prostituição já tinham relações sexuais com homens em troca de presentes e benefícios, evocando-se a prática de “sexo transacional”. Emerge aqui a noção de carreira, da mulher que faz suas escolhas profissionais a partir de uma avaliação realista de sua situação financeira (Fonseca, 1996).

17 Relação com clientes: corpo, sexo e dinheiro

“Depois que ele saiu do quarto pra fora já tento não me apegar em nada assim. Tento fazer quando tá do quarto pra dentro. Depois acabou, acabou”. Eliane, 23 anos.

“Raquel: Já aconteceu de você se envolver de maneira afetiva com algum cliente?

Laura: Não, isso nunca aconteceu. Não tem chance, nem... Tem cliente que fala que aí, estou apaixonado, essas coisas mas... Não dá, não acredito não.” Laura, 23 anos.

18 O que prevalece nos relatos das entrevistadas, e que pode ser observado nos trechos de entrevista supracitados, é que não há envolvimento amoroso com os clientes. A relação entre garota e cliente se restringe ao ambiente de trabalho, segundo as entrevistadas, e não há contato com os clientes fora da casa de prostituição. Segundo Morcillo (2014), apaixonar-se pelo cliente é uma emoção mais complexa e menos frequente que o nojo ou o prazer sexual, e o amor é visto como desorganizador das relações sociais, que torna difícil manter as divisões estabelecidas entre o sexo comercial e o sexo da vida pessoal.

19 Laura nega a veracidade do amor que seus clientes diriam sentir por ela, o que pode ser interpretado como anulação do poder da masculinidade que está em jogo no programa, pela invalidação da tentativa dos clientes de seduzi-la (Olivar, 2011).

20 No meu trabalho de campo encontrei uma exceção ao discurso de que não há envolvimento amoroso ou laço permanente com os clientes. Nicole foi casada durante dois anos com um homem que conheceu fazendo programas. Quando conheceu o marido, ela fazia programas na rua, e não na casa que trabalhava na época da entrevista.

“Nicole: Eu conheci ele na avenida. Ele ficou seis meses sendo cliente meu, aí ele começou gostar de mim, ele pegou e me tirou.

Raquel: E ele era casado?

Nicole: Doze anos com a mulher dele. Ele largou dela pra ficar comigo.” Nicole, 27 anos.

21 No momento da entrevista, seu casamento estava terminado, e ela fazia programas na casa por medo de ser vista pelo ex-marido, que segundo ela não aceitaria que ela estivesse se prostituindo.

“Não. Aqui na casa não [faço sexo anal]. Assim, eu acho que é uma coisa mais íntima né, se tiver que fazer faz em casa, com o namorado, que tem mais carinho com a gente... Fazer com o cliente que vai fazer de qualquer jeito, te machucar, aí não compensa. Então acho que não tem dinheiro que pague isso. Depois sua autoestima também fica lá embaixo, então eu acho que não compensa. Já basta você estar aqui se sujeitando a várias coisas, né, também não precisa chegar a esse ponto.” Paula, 33 anos.

22 Para Paula, ultrapassar determinado limite corporal a leva além de sua capacidade de controle das emoções (Morcillo, 2014), fazendo com que ela se sinta com baixa autoestima. Para Paula, é o apaixonamento o que diferencia a relação construída com clientes e não clientes, e é também o apaixonamento que torna uma relação íntima e permite certas práticas sexuais. Na relação com o cliente são estabelecidos limites afetivos e sexuais que são intransponíveis (Burbulhan, Guimarães e Bruns, 2012). Pasini (2000) afirma que é uma prática comum das garotas de programa preservar uma parte do

corpo de ser tocada pelos clientes. Assim, é traçado um limite simbólico (Pasini, 2000), que orienta o uso do corpo durante o programa. Na relação com namorados, os limites não são os mesmos dos adotados com os clientes, pois o universo do relacionamento afetivo é regido por outros valores.

“Tem cliente que assim, que chega aqui e nossa eu amo minha mulher, minha mulher é bonita. Mas eu preciso ter uma mulher pra fazer sexo, eu preciso do diferente, eu preciso ter prazer. Assim, por prazer. E cara bem casado, bem formado, de universidade, mas que tem... Porque... Simplesmente eles se sentem, se sentem, não sei te explicar o que eles sentem, mas eles querem o diferente.” Laura, 23 anos.

“A maioria dos homens que frequentam a casa são casados, então eles vem só em busca do prazer sexual, não... Como a gente está aqui em busca do dinheiro, e eles do prazer sexual.” Jéssica, 32 anos.

“E aquele que vem pra só em busca do sexo que as vezes chega e casa procura a esposa a esposa fala “ah hoje não quero não sei o que”, às vezes ama a esposa mas vem em busca do sexo mesmo né, pra como se diz, um momento como eles dizem de descarregar.” Jéssica, 32 anos

- 23 As prostitutas afirmam que os clientes buscam prazer sexual. De acordo com a classificação de Suares e Freire (2010), que dividiram os clientes de prostituição em quatro perfis, esta característica corresponde ao cliente denominado misógino: o homem tem imperativos biológicos, que são satisfeitos na relação sexual com outra mulher. As mulheres entrevistadas associam o homem ao estado de natureza, dotado de uma necessidade de fazer sexo imperativa, urgente, que os impele a ter relações sexuais fora do casamento.
- 24 Jéssica usa a palavra descarregar, que de acordo com Castro e Silva (2010), é um termo frequentemente utilizado no universo da prostituição como motivo para o cliente procurar os serviços de uma garota. O autor faz uma distinção entre gozar e sentir prazer. Gozar é um ato fisiológico, sinônimo de ejacular, uma resposta a um estímulo que pode ser desprovido de envolvimento emocional; enquanto o prazer é uma emoção, que seria sentido mediante a troca afetiva e emocional com a mulher. Neste trecho, Jéssica utiliza uma palavra que indica ausência de emoção, definindo a relação do homem com a prostituta enquanto uma relação composta por respostas fisiológicas.
- 25 Essa fala de Jéssica vai ao encontro do que ela afirma em outro trecho da entrevista.
- “Que diferença tem de mim pra sua mulher? Tudo não é transa? Tudo não é uma transa só? Você não vai gozar do mesmo jeito com a sua esposa? Que diferença tem?” Jéssica, 32 anos
- 26 Jéssica aponta aspectos em comum entre a prostituta e a esposa. Diz que a relação sexual com a esposa e a prostituta causam no homem o mesmo efeito: o gozo. Em seu discurso ela não pondera que os homens podem buscar, na prostituta, também a emoção de ter relações sexuais em uma situação de transgressão e proibição. Ao afirmar que, mesmo em situações tão diferentes – sexo com a prostituta ou com a esposa – o efeito provocado no homem é o mesmo, Jéssica reforça a imagem de homem ligado ao estado da natureza, que busca a satisfação física em todas as suas relações e a encontra, em detrimento de suas emoções e sentimentos.

Estresse todo mundo passa. Será que as mulheres faz o mesmo que eles fazem? Não. Porque é difícil uma mulher que trai, não é verdade? Quem mais trai são os homens, as mulheres são mais difícil. E as mulheres também não passam o mesmo que eles passam? Passam nervoso, às vezes ele está chato, e ela aguenta, não vai lá trair ele. Homem não. Ele tá estressado, ele vem procurar outra mulher, né?” Jéssica, 32 anos.

- 27 Jéssica também fala da imagem que tem de mulheres, que segundo ela também passam por momentos difíceis, de estresse, mas não traem seus maridos como os homens fazem. Ela reforça discursivamente a imagem da mulher altruísta (Juliano, 2005), dedicada incondicionalmente ao marido e à família independente de seus próprios desejos e emoções.
- “Às vezes o homem quer um certo tipo de coisa que ele não tem vontade de pedir pra mulher dele e ele acaba pagando uma garota pra fazer.” Eliane, 23 anos
- “Tipo assim quando você tem o seu namoradinho, você deixa muita coisa de fazer com ele porque você fica com aquela, com aquele medo de ela falar assim: ‘Nossa, como que ela é avançada, como que essa menina é tão assim, (...) muito assim avançada’. Às vezes você fica com medo dele te criticar porque você quer fazer uma coisa. Quando você é paga pra fazer as coisas, aí você tem que ser aquela mulher no quarto. Você tem que fazer o que a mulher dele não faz. Então é complicado, no começo era difícil, porque eu era muito acanhada. Mas depois eu fui caindo em si e hoje... Hoje eu já consigo tipo assim, fazer com que ele saia daqui, assim tipo assim, satisfeito né.” Eliane, 23 anos
- 28 Diferente de Jéssica, Eliane pontua diferenças na relação sexual do homem com a esposa e com a prostituta, dizendo que a garota de programa satisfaz o homem de certas maneiras que a esposa não o faz. Ela justifica este fato se colocando no lugar de esposa, e afirma que nos relacionamentos amorosos a mulher deve se resguardar, ser comedida na relação sexual. No discurso de Eliane, aparecem representados estereótipos de masculino e feminino: a de esposa passiva, santa, sem desejo sexual; e a de homem que tem necessidades sexuais, que tem desejos que são saciados por uma mulher que não necessariamente é a que ele sente afeto. Ela diz ainda que conseguiu dar prazer aos seus clientes quando se desprende da identidade de esposa, que seria a mulher correta, com pudores no sexo que impedem a satisfação masculina. Olivar (2011) diz que a prostituta “sabe ser profunda e organicamente ativa na satisfação” masculina, o que é uma forma de se impor e apropriar-se do poder do cliente. Para Eliane, a transgressão às regras que cerceiam a liberdade sexual é o que impulsiona o erotismo. Nesse sentido, a prostituta representaria a transgressão, tanto às normas sociais que regem o casamento monogâmico quanto à feminilidade, e pode ser que seja a transgressão que os homens buscam na relação com uma garota de programa
- 29 Assim, do mesmo modo que Pasini (2000) afirma que pelos limites simbólicos do corpo as prostitutas diferenciam os clientes de não clientes, a fala de Eliane demonstra que há também limites simbólicos distintos no corpo da prostituta e da esposa. Depreende-se da fala de Eliane que não só ao corpo da prostituta cabem regras, também ao corpo da esposa, que deve impor esses limites a si mesma para não sofrer represálias do marido nem perder a identidade de mulher correta. Confirma-se Juliano (2005), ao afirmar que para as mulheres manterem-se dentro das normas da sexualidade contida, preservada, há a ameaça de serem estigmatizadas como “putas”.
- 30 “Ser prostituta é, antes de tudo, ser mulher” (Sousa 2012:29). Para além do exercício da profissão, as prostitutas têm outras redes de interação: família, relacionamentos amorosos (ver Fonseca, 1996; Sousa, 2012). A prática profissional, que é um dos pilares da identidade individual, influencia nessas redes e como elas são significadas pelas mulheres.
- 31 Assim, as mulheres constroem a identidade de prostituta e de namorada, que são diferentes, e têm comportamentos e exigências próprias de cada contexto. Laura, por exemplo, contou que vigia as redes sociais e o celular do namorado. Apesar dela ser prostituta, e de neste contexto, se relacionar com vários homens, no contexto do namoro

ela exige exclusividade e fidelidade. Isso mostra que para Laura o universo afetivo é regido por normas diferentes do contexto do trabalho. Laura também afirma que controla as redes sociais do namorado por ter medo de ser traída. Ela diz que pelo fato de ela ter clientes casados, não acredita que um compromisso com uma mulher, seja esposa ou namorada, possa impedir o homem de trair sua companheira. Assim, apesar das diferenças entre o namoro e o trabalho, Laura mostra que sua profissão influencia em como ela dá sentido às suas outras relações, no caso, como ela constrói sua representação do que é ser homem.

- 32 Das mulheres entrevistadas, Jéssica, Laura e Paula têm namorados. Nenhuma delas conta para seus namorados que são garotas de programa, por terem medo da reação deles. Elas afirmam ter medo da rejeição, de reações violentas e de sofrerem preconceito.

“É, e assim às vezes eu chego nele e converso, falo assim pra ele: ai, vamos dar um tempo no nosso relacionamento. Ele quer saber o motivo entendeu, e eu não tenho coragem de falar pra ele que o motivo é esse [*ela ser garota de programa*], que no fundo a gente se sente envergonhada.” Jéssica, 32 anos.

- 33 Jéssica diz que se sente envergonhada por ser garota de programa. Com isso, ela demonstra sentir pressão para se enquadrar no modelo de mulher “correta”, uma vez que, sendo prostituta, pertenceria ao modelo de mulher “desviante”, e para mulheres desviantes, cabe a vergonha (Olivar, 2011). Jéssica demonstra sentir medo das represálias que sofreria caso recebesse o estigma de prostituta, o que mostra que a dicotomia entre “santas” e “putas” exerce pressão sobre as mulheres e é um discurso cultural forte e ainda atuante, que traz consequências para a saúde mental dos indivíduos.

“A partir do momento que você vira garota, que você não assume completamente que você é garota de programa, que você passa a ter duas personalidades, uma aqui dentro e outra lá fora, aqui dentro você é uma coisa lá fora você é outra.” Paula, 33 anos.

“Lá fora eu sempre fui uma pessoa bem discreta, eu sou uma pessoa discreta, eu nunca fui uma pessoa assim que ia na balada ficava com um monte de cara. (...). Eu nunca tive muitos homens, pode ver que eu sou uma pessoa super discreta, eu não sou uma pessoa que tem o perfil de quem trabalha como garota de programa. Entende, tem gente que fala, nossa nem parece que você trabalha como garota de programa. Mas assim, eu sou uma pessoa sensível, romântica, gosto de ler livros, assistir filmes, lá fora eu sou uma pessoa completamente diferente do que eu sou aqui sabe.” Laura, 23 anos.

- 34 Paula e Laura afirmam construir personalidades distintas, uma adotada dentro e outra fora do ambiente de trabalho. Juliano (2005) afirma que o estigma da profissional do sexo vem de uma construção normativa de mulheres, havendo uma sequência que abrange os papéis familiares e profissionais das mulheres, que varia da aceitação ao rechaço. De acordo com Rubin (1993), o sistema de gênero exige a repressão de traços de personalidade, criando modelos rígidos de personalidade a serem adotados diferentemente por homens ou mulheres. Observa-se nos relatos acima que há por parte das mulheres uma tentativa de se desvincular da identidade de prostituta e se adequar ao modelo de mulher correta, através da adoção de traços de personalidade que, de acordo com elas, seriam esperados da mulher: discrição, sensibilidade, fidelidade a um homem. As garotas sentem pressão para se encaixar no modelo de feminilidade de mulheres “corretas”, e a criação de uma identidade fora da prostituição, com características de personalidade tidas como femininas, pode ser uma tentativa delas se adequarem a esse modelo. Mesmo a dona da casa, que não faz programas, desatreia sua

identidade profissional, de dona de casa de prostituição, da identidade adotada fora do ambiente de trabalho, e se afirma como tímida e reservada:

“Eu também sou uma pessoa super discreta lá fora, eu sou a Sílvia aqui dentro, lá fora eu sou completamente diferente. Sou tímida, sou reservada.” Sílvia, 42 anos.

35 Assim, vê-se que não apenas as prostitutas, mas outros sujeitos deste ambiente empreendem esforços para que não sejam reconhecidas como pessoas ligadas ao universo da prostituição.

36 Devido ao medo de serem expostas e da reação das outras pessoas, as garotas de programa criam estratégias para se preservar e também para manter o controle da situação de trabalho. Usam preservativo e não beijam a boca de clientes para evitar doenças. Trabalham em uma casa, e não na rua, protegendo-se de clientes que possam sair sem pagar, agredi-las, ou de serem vistas por conhecidos. Trabalhar nesta casa lhes dá inclusive a possibilidade de se “esconderem” atrás da porta quando chega um cliente: enquanto este sobe as escadas, elas se escondem atrás da porta que as leva ao quarto, até que se certifiquem de que o cliente não é uma pessoa que elas não desejam que as veja. Criam um nome falso. São elementos de proteção que as permitem trabalhar na profissão que escolheram, um “jogo de performances” que as permite entrar no “personagem de prostituta” (Morcillo, 2014), construir uma fronteira que separa o sexo comercial da vida pessoal (Pasini, 2000) e as protege do julgamento de outras pessoas. É a exposição o que mais as preocupa neste trabalho, como afirma Paula no trecho abaixo:

“É um trabalho que assim, ao mesmo tempo que você ganha você perde. Porque o medo que você vive constantemente, a sua vida muda. (...) Só que, vamos supor, se eu estou na minha cidade onde eu moro com o meu namorado numa pizzaria, eu não vou mais com aquela tranquilidade que eu ia antes quando eu não era garota.” Paula, 33 anos.

37 Uma das entrevistadas me confidenciou que não são todas as garotas que usam preservativo para fazer programa, e que este é um diferencial das garotas. Aquelas que aceitam fazer programas sem preservativo são preferidas pelos clientes.

“Tem menina que não faz mas tem menina que faz [*sexo sem preservativo*]. Igual a Vanessa, a Maria, você vê elas indo pro quarto toda hora. E os clientes falam que elas fazem. Elas fazem tudo sem camisinha. Aí eu falo pra Sílvia, ‘Sílvia, então muita mulher não ganha dinheiro’, e os homens esperam até elas sair do quarto pra fazer programa com elas.” Nicole, 27 anos.

38 Ter relações sexuais sem preservativo contraria medidas preventivas contra doenças sexualmente transmissíveis. No entanto, o sexo sem a proteção, que oferece um risco maior de transmissão, parece ser um atrativo para os clientes. Uma explicação possível é que os homens acham mais prazeroso transar sem preservativo, mesmo colocando a saúde em risco. Outra explicação possível é que o conceito de masculinidade vigente em nossa sociedade tem na exposição ao risco e ao prazer um dos pilares constituintes do “sujeito homem” (Castro e Silva, 2010). Isto é verdadeiro com relação à prática de esportes radicais, consumo de bebidas alcoólicas, substâncias entorpecentes e serviços sexuais, que compõem um modelo ocidental de masculinidade associado à exposição ao risco.

Considerações finais

- 39 Os relatos das garotas de programa sobre seu contato com os clientes mostram que elas constroem essa relação sem envolvimento amoroso duradouro. Morcillo (2014) diz que o trabalho sexual pode ser entendido como um laço de amor temporário, e neste estudo confirma-se que o laço afetivo não é permanente, o que desorganizaria a relação profissional estabelecida entre prostituta e cliente.
- 40 Assim, mesmo que a prostituta não sinta afeto pelo cliente e o programa tenha alguns elementos que o caracterizam como uma relação profissional, como o pagamento, isso não implica que a relação sexual com o cliente seja vazia de emoções (Castro e Silva, 2010; Olivar, 2011). Afinal, “o prazer é proporcionado por meio da estimulação emocional e não meramente sensorial” (Castro e Silva, 2010), então, o que os clientes buscam vai além da sensação física eliciada pela relação sexual, sendo a demonstração de emoções por parte das prostitutas necessária para que o cliente alcance o desempenho sexual pretendido. Eles procuram um encontro sexual clandestino, querem ter práticas sexuais que não têm com as suas esposas e querem ter prazer, obtido tanto pelo ato sexual físico quanto pelo erotismo envolvido no encontro clandestino com uma prostituta. É o laço emocional temporário, eliciador de emoções diversas, que diferencia a relação entre cliente e prostituta de uma mera descarga sexual.
- 41 Para compreender a prostituição, é fundamental compreender também a sexualidade (Piscitelli, 2005) e os sentidos que as mulheres atribuem a seus corpos. O corpo das prostitutas tem regras. A prostituta, como disse uma das entrevistadas, deve ser “aquela mulher na cama”, satisfazer o homem de maneira que a esposa não faz. Por outro lado, outras entrevistadas afirmam que, não sendo a relação entre prostituta e cliente amorosa, certas práticas sexuais não são permitidas, que seriam praticadas apenas no contexto amoroso. A distinção entre as práticas permitidas em determinados contextos marca a diferença traçada entre clientes e não clientes, e influencia no modo como elas se sentem. Foram citados sentimentos de vergonha e baixa autoestima ao se ter certas práticas indesejadas com os clientes, como o sexo anal. Desse modo, as regras estabelecidas durante o programa, além de garantirem o controle emocional, são a maneira das garotas imporem sua autonomia e terem controle sobre o próprio corpo e sobre o programa.
- 42 Percebe-se em comum no discurso de todas é a existência de regras para a sexualidade feminina, seja no contexto profissional ou amoroso, apesar do conteúdo da regra variar de acordo com a entrevistada. O sexo se constrói sobre regras de conduta, que instigam o proibido (Molina, 2014). O sexo é um terreno de disputa, e as regras determinadas pelas mulheres são importantes ferramentas para garantir sua autonomia na negociação de seu papel no relacionamento sexual. Rubin (1984) afirma que o sexo é sempre político e Piscitelli (2002) ressalta a contribuição do feminismo para o reconhecimento de que relações da vida cotidiana também eram políticas, na medida em que essas relações englobam relações de poder. No entanto, este poder não é estanque. Assim, como afirma Olivar (2011), sexualidade não é apenas um conjunto universal de práticas corporais, mas uma política de “gestão de corpos”, e as regras determinadas pelas mulheres, bem como o poder envolvido nas relações sexuais, são importantes componentes da sexualidade dessas mulheres.
- 43 O fato da prostituição ser um lugar de “operação de relações de poder” e de possibilidade de negociação (Piscitelli, 2014) não as exime de vivenciar conflitos inter e intrapessoais

(Olivar, 2011). A solução adotada para o conflito que vivenciam é esconder a profissão, construir outra identidade separada da identidade profissional, em que se afirmam como tímidas, reservadas, que tiveram poucos homens na vida, características estas que seriam adequadas ao constructo ocidental de feminilidade. Com a identidade de mulher sensível, reservada e tímida, elas se afirmariam como mulheres. Assim, para elas, a identidade de mulher se torna incompatível com a da prostituta, que para satisfazer o cliente, não pode ser tímida nem reservada. Para elas, são identidades excludentes, quando na verdade são identidades coexistentes. Butler (2003) diz que ao se criar uma categoria de mulher, exclui-se outras possibilidades de ser mulher, que não atendam aos critérios do modelo criado. Uma prostituta não deixa de ser mulher porque tem determinadas práticas sexuais. Assim como uma mulher casada não deixa de ser mulher ao afirmar seu desejo sexual. São identidades femininas coexistentes, e que devem ser aceitas enquanto maneiras legítimas e possíveis de vivenciar a feminilidade.

BIBLIOGRAPHY

- ANGELI, Daniela. 2004. "Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade". *Estudos feministas*, n. 264: 243 – 245.
- BARRETO, Letícia Cardoso. 2013. *Prostituição, gênero e trabalho*. Rio de Janeiro: Multifoco.
- BURBULHAN, Fernanda; GUIMARÃES, Roberto Mendes; BRUNS, Maria Alves de Toledo. 2012. Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes. *Psicologia em Estudo*, n. 4: 669-677.
- BUTLER, Judith. 2003. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad.: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- CASTRO, Mary Garcia. 1992. "Alquimia de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos". *Estudos Feministas*, n. 2: 57-73.
- CASTRO E SILVA, Anderson Moraes de. 2010. "O prazer de Sísifo está no leito de Procusto: a emoção do prazer nos relatos dos consumidores de *fast sex*". *Sexualidad, Salud y sociedad*, n. 6: 63-82.
- FONSECA, Claudía. 1996. "A dupla carreira da mulher prostituta". *Estudos Feministas*, n. 1: 7-33.
- GASPAR, Maria Dulce. 1985. *Garotas de programa. Prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- GEERTZ, Clifford. 1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora.
- GUIMARÃES, Katia, & MERCHÁN-HAMANN, Edgar. 2005. "Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania". *Estudos feministas*. Florianópolis n. 320: 525-543
- JULIANO, Dolores. 2005. "El trabajo sexual em la mira. Polémicas y esteriotipos". *Cadernos Pagu* n. 25: 79-106.
-

- MOLINA, Ana Maria Ricci. 2014. *O governo de menores de idade em relação à prática da prostituição: os discursos de agentes sociais*. São Carlos: Tese de Doutorado em Educação, UFSCar.
- MORCILLO, Santiago. 2014. "Entre sábanas y bambalinas. Ilusiones de intimidad, performances y regulación de emociones en mujeres que hacen sexo comercial en Argentina". *Revista Ártemis*. n. 1: 42-60.
- OLIVAR, José Miguel Nieto. 2011. Banquete de homens. Sexualidade, parentesco e predação na prática da prostituição feminina. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. n. 75: 89-101.
- PASINI, Elisiane. 2000. "Limites simbólicos corporais na prostituição feminina". *Cadernos Pagu* n. 14: 181-200.
- PISCITELLI, Adriana. 2002. Re-criando a (categoria) mulher? In L. M. Algranti. *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: Unicamp. pp. 7-42.
- PISCITELLI, Adriana. 2005. "Apresentação: gênero no mercado do sexo". *Cadernos Pagu*, n. 25: 7-23.
- PISCITELLI, Adriana. 2008. "Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras". *Sociedade e Cultura*, n. 2: 263-274.
- PISCITELLI, Adriana. 2014. "Violências e afetos: intercâmbios sexuais e econômicos na (recente) produção antropológica realizada no Brasil" *Cadernos Pagu*, n. 42: 159-199.
- RUBIN, Gayle. 1984. *Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality*. In: VANCE, C. S. (Ed.). *Pleasure and danger: exploring female sexuality*. Boston: Routledge and Kegan Paul. pp. 267-319.
- RUBIN, Gayle. 1993. *O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo*. Recife: SOS Corpo.
- RODRIGUES, Renato Mori. 2010. *Prostituição e construção de carreira: um estudo sobre o trabalho de prostitutas do centro de Salvador*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e do Trabalho, USP.
- SCOTT, Joan. 1990. "Gênero: uma categoria de análise histórica". *Educação e Realidade* n.2: 5-22.
- SOUSA, Fabiana Rodrigues de. 2012. *A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição*. São Carlos: Tese de Doutorado em Educação, UFSCar
- SUÁREZ, Ageda Gómes; FREIRE, Silvia Pérez. 2010. "Prostitución en Galicia: clientes e imaginarios femeninos". *Estudios Feministas* n. 1: 121-140.

NOTES

1. A literatura específica tem diversos termos para nomear as mulheres que se prostituem. As mulheres da casa onde realizei a pesquisa se referiam a si mesmas como *garotas* ou *garotas de programa*, portanto, será este o termo utilizado por mim neste artigo.
2. Segundo a definição de Pasini (2000), a mesma adotada neste trabalho, clientes "são aqueles homens com quem as garotas mantêm relações sexuais no contexto da prostituição, caracterizadas, principalmente, pelo contato sexual e pelo dinheiro". (p. 183)
3. Utilizo outra definição adotada por Pasini (2000). Programa se refere ao tempo que a garota permanece com o cliente.

ABSTRACTS

O sistema de gênero baseia-se em uma construção normativa de mulheres e exige delas determinados comportamentos no tocante à sexualidade: a normativa de gênero dita que a experiência sexual das mulheres é permeada pelo pudor e pelo silêncio. Essa norma exclui outras possibilidades de ser mulher, como as *garotas de programa*, que exercem sua sexualidade para além do ambiente familiar. O presente trabalho investiga os discursos de garotas de programa sobre sexualidade, feminilidade e sua relação com seus clientes.

The gender system is based on a normative construction of women, and requires from women certain behaviors regarding sexuality: gender normative dictates that women's sexual experience is permeated by shame and silence. This standard excludes other possibilities of being a woman, such as *garotas de programa*, who exercise their sexuality beyond family sphere. The objective of this work is to investigate *garotas de programa's* speeches about sexuality, femininity and their relationship with clients.

INDEX

Keywords: Prostitution, Gender, Sexuality, Stigma, Anthropology

Palavras-chave: Prostituição, Gênero, Sexualidade, Estigma, Antropologia

AUTHORS

RAQUEL DE FREITAS BANUTH

Graduanda em Psicologia pela FFCLRP – USP.

Email: raquel.banuth@usp.br

FRANCIROSY CAMPOS BARBOSA-FERREIRA

Antropóloga, docente do Departamento de Psicologia da FFCLRP – USP.

Email: franci@ffclrp.usp.br